

A VARIAÇÃO ENTRE *IR+INFINITIVO* E *PRESENTE SIMPLES DO INDICATIVO* NA EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO

Thiago Gil Lessa Alves¹

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar um estudo sobre a variação entre duas formas de expressão do futuro em português: *ir + infinitivo* e *presente simples do indicativo*. É baseado na perspectiva funcionalista e na Teoria da Variação e Mudança. Analisa dados do uso da língua, originados de corpus de linguagem falada, e busca por fatores linguísticos e sociais que possam determinar o uso das variantes, submetendo tais dados a tratamento estatístico no pacote de programas computacional VARBRUL. Os resultados mostram que os grupos de fatores a) *tipo de situação a que o falante se refere*, b) *ocorrência da forma em construção verbal maior*, c) *tipo de futuro quanto à determinação* e d) *tipo de inquérito são relevantes na variação das formas analisadas*.

Palavras-Chave: Tempo, Futuro, Variação.

THE VARIATION BETWEEN *IR+INFINITIVO* AND *PRESENTE SIMPLES DO INDICATIVO* IN THE EXPRESSION OF FUTURE TENSE

Abstract

This article has the objective of present a research about variation between two expression forms of future in portuguese: *ir + infinitivo* and *presente simples do indicativo*. It is based on functionalist perspective and on the Theory of Variation and Change. It analyzes data from language use, originated from *corpus* of oral modality, and it searches for linguistics and social factors that can determine the use of the variants, submitting this data to statistic treatment on the computational programs pack VARBRUL. The results show that the group of factors a) *type of situation that talkative refers to*, b) *occurrence of the form in a bigger verbal construction*, c) *type of future relatively to the determination* and d) *type of inquiry* are relevant in the variation of the analyzed forms.

Keywords: Tense, Future, Variation.

Introdução

O tempo é uma das categorias mais complexas e escorregadias na descrição de uma língua. Talvez as dificuldades que envolvem sua descrição sejam decorrentes de dois fatores principais: em primeiro lugar, não é possível proceder a uma descrição satisfatória dessa categoria sem remeter a outras, não menos complexas, que são indissociáveis dela, como as de modo (cf. LYONS, 1979; DUARTE, 1983; GARCIA, 1977) e aspecto (cf. COSTA,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto do Departamento de Línguas e Literatura do curso de Letras da Universidade Regional do Cariri – Crato, Ceará, Brasil. E-mail: thiagogillessa@gmail.com.

1986; SOARES, 1987; TRAVAGLIA, 1985). Em segundo lugar, provavelmente mais que em outras categorias, as funções que a constituem são expressas por formas diversas e muitas vezes já responsáveis por codificar outras funções temporais.

Nesse artigo, apresentaremos um estudo em que nos ocupamos de uma função temporal particular do verbo¹ em português: a *função de expressão do futuro*. Evidenciamos, nele, os dois fatores de complexidade a que remetemos acima, especialmente o segundo, já que o tempo futuro pode ser codificado em português por diversas formas, como as destacadas nos exemplos seguintes:

- (1) Amanhã bem cedo, *enviarei* sua fatura.
- (2) Amanhã bem cedo, *envio* sua fatura.
- (3) Amanhã bem cedo, *vou enviar* sua fatura.
- (4) Amanhã bem cedo, *quero enviar* sua fatura.
- (5) Amanhã bem cedo, *estou enviando* sua fatura.
- (6) Amanhã bem cedo, *vou estar enviando* sua fatura.

No exemplo (1), temos o futuro simples, a forma canônica de expressão do futuro segundo os compêndios gramaticais, que está sendo quase totalmente substituído pelo presente simples (em (2)), e pela perífrase *ir+infinitivo* (em (3)), como demonstram estudos a exemplo dos de Gibbon (2000), Oliveira (2006) e Alves (2011). É também possível justificar a perífrase *querer + infinitivo*, em (4), como uma forma de expressão do futuro, por sua modalidade *bulomaica*. Em (5), temos a perífrase *estar + gerúndio*, detentora de matiz aspectual, o de denotar que a ação está por acontecer num futuro bem próximo. Em (6), temos um exemplo do que se chama de *gerundismo*, que tem ganhado muito espaço no português brasileiro na expressão de evento futuro.

Diante de tanta variação, não há como evitar inquietações no sentido de determinar fatores linguísticos ou de outros tipos que possam regular o uso dessas formas, principalmente na linguagem falada, em que a variação talvez seja mais rica. Foi justamente o que pretendemos fazer no estudo. Contudo, não tratamos de todas as formas mencionadas. Procedemos a um recorte e restringimo-nos a considerar aspectos da variação entre as formas de *presente do indicativo* e *ir + infinitivo* na expressão do futuro. O critério do recorte foi o de essas duas formas serem as mais ocorrentes, em uma análise prévia, na expressão do futuro no *corpus* que usamos na análise², constituído de alguns inquéritos do *corpus* de língua falada *Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT*. O artigo prosseguirá em quatro seções.

Na primeira seção, ancoraremos nosso trabalho em pressupostos funcionalistas, remetendo a Givón (2001), com o enfoque *tipológico-funcional da gramática* e Hopper (1991), com a noção de *domínio funcional*, que podem ser relacionados com certos aspectos da *Teoria da Variação e Mudança* de Labov (1972), como a própria noção de *variação* e a de *regra variável*.

Ainda nessa seção, definiremos mais detalhadamente o que chamamos de *função de expressão do futuro*. Para tanto, partiremos do trabalho de Corôa (1985), embasado na teoria de Reichenbach (1947), de onde retivemos o princípio de analisar a categoria linguística de tempo considerando a existência de três pontos teóricos na linha do tempo: o momento da fala (MF); o momento do evento (ME); e o momento da referência (MR).

Na segunda seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos da pesquisa, explicitando com mais pormenores, dentre outros pontos, dados do *corpus* utilizado e os quatro grupos de fatores que controlamos para tentar explicar a variação entre as duas formas de expressão do futuro em foco: a) tipo de situação a que se refere o falante; b) ocorrência ou não da forma em construção verbal maior; c) tipo de futuro quanto à determinação; d) tipo de inquérito.

¹ Apesar de o tempo não estar universalmente associado ao verbo, no português, como categoria gramatical, conforme Vilela & Koch (2001), é uma categoria realizada exclusivamente pelo verbo, devido à presença de desinências próprias. No entanto, como categoria nocional, realiza-se por lexemas, morfemas e outras expressões. Os meios lexicais podem ser nomes, como *milênio, século, trimestre*; adjetivos, como *antigo, novo, atual, moderno*; advérbios, como *hoje, ontem, amanhã*; subordinadas temporais e até recursos de coesão por sequência temporal.

² Em outros *corpora* que abrangem gêneros diferentes dos constantes do PORCUFORT, outras formas de futuro podem ser mais recorrentes, como as de futuro simples em gêneros escritos mais formais.

Na terceira seção, apresentaremos tabelas com dados estatísticos, fornecidos pelo pacote de programas computacional VARBRUL³, dos usos das duas formas investigadas associadas aos quatro grupos de fatores controlados, e os interpretaremos.

Na última seção, teceremos comentários a partir de todo o exposto e sintetizaremos nossas conclusões com a pesquisa.

Alguns Princípios Teóricos do Funcionalismo e da Teoria da Variação e Mudança

Como pano de fundo de todas as considerações que fizermos nesse artigo está uma concepção funcionalista de língua: instrumento de interação verbal, cujas estruturas são determinadas pelas necessidades de comunicação dos indivíduos que a usam, isto é, a organização do sistema linguístico é estabelecida pelas funções que cumpre no contato social.

Nessa perspectiva, o sistema linguístico é visto, em linhas gerais, como constituído de um conjunto de escolhas, de opções que o falante faz apoiado em motivações diversas, linguísticas, discursivas, sociais:

Quem fala em escolhas, fala em opções, em variação. Nesse sentido, a variação linguística constitui um dos centros de interesse privilegiado da abordagem funcionalista. As soluções funcionalistas para a variação estão não apenas no interior do sistema linguístico, como também fora dele, no ambiente social em que a língua funciona como veículo de comunicação. (BERLINCK et al., 2001, p. 212.)

Essa visão de variação está estreitamente relacionada a uma aceção particular de *tipologia linguística*. Dentre as várias definições de *tipologia* que são possíveis⁴, a que está diretamente relacionada com a perspectiva funcionalista é a de tipologia como um “enfoque” de análise linguística. Assenta sobre a consideração de que a estrutura linguística deve ser explicada, primeiramente, a partir das funções que cumpre na interação. É o enfoque *tipológico-funcional da gramática*. O pressuposto fundamental desse enfoque é assim resumido por Givón (2001, p. 23):

A alternativa ao enfoque estruturalista para tipologia gramatical é reconhecer explicitamente o que estava implícito na prática de tipologia gramatical desde sua inserção pelos grandes comparativistas do século XIX: *que nas línguas humanas há sempre mais que um meio estrutural de atingir a mesma função comunicativa* [grifo nosso]. E que tipologia gramatical é o estudo da diversidade de estruturas que pode executar o mesmo tipo de função.⁵

A variação linguística é explicada, sobretudo, a partir da noção de *domínio funcional*, “alguma área funcional geral tal como tempo/aspecto/modalidade, caso, referência, etc., do tipo que freqüentemente torna-se gramaticizado” (HOPPER, 1991, p. 22). Um domínio funcional invariavelmente abriga diferentes formas de exercer uma mesma função linguística.

Podemos, por conseguinte, considerar o “tempo futuro” como uma espécie de *domínio* ou *subdomínio funcional* (se considerarmos a categoria de tempo o domínio maior), já que abriga formas variadas que exercem a mesma função, como as duas de que nos ocupamos, *presente simples do indicativo* e *ir + infinitivo*.

³ O VARBRUL é um pacote de programas computacional de análise de dados que permite que a variação linguística seja estudada estatisticamente.

⁴ Croft (1990, 1-4) apresenta várias definições possíveis de tipologia, por exemplo, tipologia como classificação interlinguística e como o estudo de padrões linguísticos, diferentes da mais específica relacionada ao Funcionalismo.

⁵ Todas as traduções presentes no trabalho são de nossa responsabilidade.

Vejamos que essa perspectiva de língua e variação funcionalista se alinha muito bem com a da *Teoria da Variação e Mudança* de Labov (1972). Para este, a diversidade é uma característica inerente ao sistema linguístico:

A existência de *variação* e de estruturas *heterogêneas* nas comunidades de fala investigadas está de fato provada. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar... nós chegamos à conclusão nos anos mais recentes de que esta é a situação *normal* – a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Alegamos que é a ausência de alternância de registros e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional... (LABOV, 1972, p. 203)

A variação, portanto, é uma das propriedades mais marcantes e, sobretudo, funcionais das línguas. É claro que nelas há aspectos que não permitem variação. Constituem as *regras categóricas* ou *invariantes*. Por outro lado, os fatos linguísticos que permitem variação constituem as *regras variáveis*. Nas palavras de Monteiro (2002, p. 58):

Mas, além das regras *categóricas* ou *invariantes*, existem e, sem dúvida em maior abundância, as regras *variáveis*. Aplicam-se sempre quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural, como de ordem externa ou social.

Fica muito evidente como essa noção de *regra variável*, central na teoria laboviana, vai ao encontro das “soluções funcionalistas” para a variação a que se referiu Berlinck na citação acima.

Uma questão problemática dentro desse escopo teórico é a de definir quando duas formas são *variantes* (atualização das *variáveis*) que codificam uma mesma função, sobretudo, quando a variação não é do nível fonológico. Em outras palavras, referimo-nos à questão de como concluímos, por exemplo, que o *presente do indicativo*, no exemplo (2), e *ir + infinitivo*, no exemplo (3) (e, extensivamente, as formas destacadas nos outros exemplos), são *variantes* de uma mesma *função* ou *regra variável*: a expressão do futuro.

Lavandera (1978) é do parecer de que não seria adequado aplicar o modelo variacionista para níveis além do fonológico, principalmente, por não haver uma teoria do significado segura em que apoiar a análise. Labov (1972), apoiado numa noção restrita de significado, o referencial, defende ser possível considerar a variação acima do nível fonológico: “As variantes são idênticas quanto à referência ou valor de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou estilística”. Alinhamo-nos ao posicionamento de Labov: parece-nos difícil escapar à conclusão de que as formas verbais de (2) e (3) tenham o mesmo valor de verdade, de forma que a variação entre elas dependa de fatores como os que vamos investigar.

Resta-nos, nessa seção, definir o que chamamos de *função de expressão do futuro*. Partiremos do trabalho de Corôa (1985), que tem como objetivo central desenvolver uma simulação formal dos modos de expressão da categoria de tempo em português. Propõe partir de onde as “lógicas temporais” param, pois, ao tentarem estabelecer as relações temporais propriamente ditas, não fornecem uma interpretação linguística dessas relações. Fundamenta-se na interpretação de Reichenbach (1947), que foi o primeiro lógico a formalizar uma interpretação temporal das línguas naturais.

Para formalizar sua interpretação, Reichenbach estabeleceu três pontos teóricos na linha do tempo, que para Corôa (1985, p. 41-2), são relevantes para a descrição dos tempos de uma língua natural:

Momento do Evento(ME): é o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito; é o tempo da predicação.

Momento da Fala(MF): é o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação.

Momento de Referência(MR): é o tempo da referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva de tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME.

É com base nas relações de anterioridade e simultaneidade entre esses três pontos temporais que os tempos das línguas naturais podem ser estudados e delimitados. Relativamente aos tempos de futuro, os que nos interessam mais de perto, faz algumas observações iniciais.

O primeiro ponto a que Corôa chama atenção é que a descrição da futuridade envolverá necessariamente discussões sobre oposições modais. Aliás, em algumas línguas, talvez o estudo do futuro seja mais de modo do que de tempo, como é o caso do inglês, língua em que essa categoria não se expressa morfológicamente, mas lexicalmente através de auxiliares. Esse caráter de a futuridade não ter seus contornos facilmente discerníveis está relacionado a um fator inerente à própria noção de futuro: o futuro não é conhecido como o passado, é um tempo que não existe realmente, é apenas suposto, imaginado.

Corôa (1985, p. 56) remete a uma perspectiva que atribui a ambiguidade característica do futuro ao fato de ele estar afastado da certeza e ligado ao possível, sendo por isso imbuído de valores modais. Haveria duas maneiras de representar o futuro: uma em que, a partir do momento da enunciação, o futuro é um feixe infinito de possibilidades, das quais, quando o futuro for passado, uma somente terá se concretizado; e outra em que o futuro é a continuação linear do passado e do presente. As duas possibilidades seriam justificáveis e dependeriam da análise e da argumentação do linguista para a língua em questão. As consequências de justificar um ou outro modelo, entretanto, seriam diferentes: ao delimitar um modelo ramificado para a análise de uma língua, o linguista aproxima a futuridade dessa língua dos valores modais; se, por outro lado, argumenta em favor de um modelo linear, coloca a futuridade dentro de uma perspectiva de tempo. A partir dessas considerações, a autora chega a uma hipótese importante para uma discussão das relações entre futuridade e modo:

Pode-se, então, formular a hipótese de que o futuro, qualquer que seja sua ligação por natureza com o possível, o virtual ou o incerto, expressa sempre um pensamento que parte do possível para a certeza: interpretações antecipadas sobre este movimento fornecem os empregos modais; interpretações posteriores fornecem os empregos temporais. Como o movimento do futuro vai de um conjunto de mundos possíveis (m) para um mundo que é (m₀), mesmo interpretações modais se orientam para a certeza e esta certeza cresce à medida que se aproxima dos empregos puramente temporais. (CORÔA, 1985, p. 57)

Embora a autora reconheça toda essa complexidade que envolve os *tempora* do futuro, restringe seu campo de observação aos empregos do futuro tentando caracterizar somente o que há de temporal nesses usos.

O ponto de partida é a consideração de que, nos *tempora* do futuro, o ME está sempre precedido por MF. As possibilidades são, portanto: a) MF,MR – ME; b) MR – MF – ME; c) MF – ME – MR; d) MF – ME,MR; e) MF – MR – ME.

A representação a) MF,MR – ME corresponde ao futuro do presente do português, como na oração *O garoto virá mais cedo*. O evento tem lugar num tempo necessariamente diferente do momento da fala e o MF e o MR são simultâneos. A representação b) MR – MF – ME retrata o futuro do pretérito do português, como na oração *O garoto viria mais cedo*. A representação c) MF – ME – MR ocorre também em português, mas com uma forma analítica, como na frase *Telefone-me amanhã que já terei lido sua proposta*. As duas outras representações parecem não ocorrer em português, pelo menos de uma perspectiva unicamente temporal. Mas a autora não exclui a possibilidade de se manifestarem quando forem investigados os usos modais do futuro.

Reparemos que os usos do *presente simples*, em (2), e de *ir + infinitivo*, em (3), bem como das formas dos outros exemplos, correspondem à representação a). Todavia, na análise dos dados que obtivemos no *corpus* pesquisado, encontramos formas do *presente simples* e de *ir + infinitivo* codificando uma espécie de futuro que não corresponde à representação a) ou a qualquer uma das outras. O interlocutor usa uma forma indicando futuro, mas não se referindo a um evento posterior a MF e MR, que são, na verdade, indeterminados, parecendo ter uma extensão infinita. O evento futuro ocorrerá não em relação a um MF coincidente com um MR, mas quando se configurarem certas condições em uma situação totalmente hipotética (geralmente introduzida por expressões como “vamos supor”, “digamos”), que pode ter lugar em qualquer momento, inclusive, embora não obrigatoriamente, concomitantemente à situação atual dos interlocutores. Talvez esses casos nos tenham colocado diante do que Corôa chamou de usos modais do futuro. Tais usos também foram considerados na análise. Entretanto, sentimos necessidade de estabelecer uma distinção entre eles e os usos correspondentes à representação a), e observar as ocorrências das formas em foco em relação a essa diferença, que constituiu, um dos grupos de fatores controlados, como mostraremos na seção seguinte.

Método

O desenvolvimento da pesquisa consistiu em: a) Selecionar duas das variantes da regra variável expressão do futuro, *presente simples do indicativo* e *ir+infinitivo*, a partir do critério de serem, dentre todas, as mais recorrentes no *corpus* que analisamos; b) formular hipóteses sobre grupos de fatores que possivelmente regulem a variação dessas formas; c) constituir, para testar os grupos de fatores, um *corpus* de língua falada a partir da seleção de 6 inquiridos do *corpus* PORCUFORT: 2, do tipo D2 (diálogo entre dois informantes), 2, do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) e 2, do tipo EF (elocução formal); d) fazer um inventário de todas as formas do *presente simples do indicativo* e de *ir + infinitivo* ocorrentes na amostra exprimindo futuro; e) relacionar cada uma das formas ocorrentes aos fatores de controle, por meio de codificação; f) proceder à análise estatística dos dados obtidos, utilizando o pacote de programas computacional VARBRUL; e g) interpretar os resultados estatísticos fornecidos pelo programa.

Uma importante questão metodológica com a qual nos deparamos de início foi a de determinar quando as formas do presente simples do indicativo estavam exprimindo futuro. Nem todos os casos são claros como os do exemplo (2), em que o advérbio *amanhã* denuncia a expressão do futuro. Decidimos considerar como exprimindo futuro as formas do presente simples cujo contexto linguístico mais imediato (orações ou mesmo parágrafos com eventos relacionados temporalmente) estivesse delimitado por uma expressão temporal qualquer que indicasse tempo futuro, como advérbios, orações temporais ou outras formas verbais no futuro referentes a eventos relacionados com o evento da forma analisada, como no exemplo seguinte:

(7) *Inf. 1* - ...é uma cerâmica fácil de encontrar é uma cor fácil de encontrar e com certeza num *vai ficar* [grifo nosso] ruim... /inda tem mais essa
Inf. 2 - {uhh uhn
Inf. 1 - (aí o cerâmico também)
 TEM tem essa vantagem NÃO *fica* [grifo nosso] ruim de jeito nenhum... {/tá entendendo?
 (Inquirido D202, linhas 83-87)

A forma do presente simples destacada *fica* foi considerada como exprimindo futuro em função de, em seu contexto linguístico imediato, haver uma outra expressão indicativa de futuro, no caso outra forma verbal, *vai ficar*, inclusive correspondente semanticamente a ela no contexto.

Foram 4 os grupos de fatores sobre os quais hipotetizamos e que controlamos para analisar a regra variável *expressão do futuro*. O primeiro deles foi o *tipo de situação a que se refere o falante*. Consideramos que há duas possibilidades gerais: o uso de formas de futuro na situação atual do interlocutor, em que MF e MR são determinados e coincidentes, e que chamamos de *-hipotética*; e o uso das formas de futuro em situação hipotética, diferente da do interlocutor, em que MF e MR são indeterminados, e que chamamos de *+hipotética*. É possível que, em situação *+hipotética*, o *presente simples*, forma não-marcada, seja mais recorrente dada a indeterminação de MF, e, em situação *-hipotética*, *ir + infinitivo* seja preponderante. Como exemplos de situação *+hipotética* e *-hipotética* vemos, respectivamente, (8) e (9):

(8) *Inf.* - não é a a a::... o... o pré-natal ... assim ... se:: prega que se faça a partir ... de quando a mulher descobre que /tá grávida né? mesmo que ela tenha... digamos assim NEM mesmo:: um MÊS de...de gravidez mas que ela inicie a fazer... porque:: se tem todo o acompanhamento médico daquela gravidez ... né? e aí a mãe eh eh... com/é se se acompanha a mãe pra ver se a mãe num ... se num tem pressão ALTA se a mãe um *vai desenvolver*[grifo nosso]... um:: diabe::tes ou se num *vai:: desenvolver* [grifo nosso] nenhuma infecçã::o... acompanhamento ... eh:: da criança pra ver se o útero /tá crescendo normal se... o coração do nenem bate bem e tal... ou seja ... se dá uma uma melhor assistência à criança uma melhor assistência {à mãe (Inquirido DID01, linhas 573-580)
 (9) *Inf. 1* - no dia VINte de janeiro... ficou mar/... marcado o FILme né? {nós
Inf. 2 - uhn
Inf. 1 - *vamos assistir* [grifo nosso]... ao filme::... *História sem fim*... né? /cê já conhece sobre esse filme num {conhece? (Inquirido D207, linhas 9-12)

As formas destacadas em (8), *vai desenvolver*, remetem a eventos futuros, mas não em relação a MF. Na verdade, os interlocutores tratam de uma situação hipotética, como indicam, por exemplo, os verbos no subjuntivo e a expressão *digamos assim*, e o evento *vai desenvolver* é futuro em relação ao evento de “iniciar o acompanhamento médico depois da gravidez”. Diferentemente, a forma *vamos assistir* é futuro em relação ao MF, na situação dos interlocutores.

O segundo fator controlado foi *a ocorrência da variante em construção verbal maior*. É provável que a forma do *presente simples* seja mais ocorrente em construções verbais maiores para não se sobrecarregar o enunciado com construções verbais com mais de dois verbos. Como exemplo de ocorrência de formas do futuro em construções verbais maiores, temos as formas destacada em (10):

(10) *Inf. 1* - aí eu burramente lá né?... sem coragem de sair me casei né? eu digo não agora *vou...* *vou ter* que DAR em ca::sa ((risos)) *vou ter* que dar em casa ((risos)) *vou ter* [grifos nossos]que dar em casa ((falou rindo)) (Inquérito D202, linha 851-853)

Outro fator controlado foi *o tipo de futuro quanto à determinação*. Consideramos duas possibilidades gerais: a expressão de futuro determinado ocorre quando há presença de alguma expressão temporal delimitadora, mais definida como “Vinte de janeiro”, no exemplo (9), ou mais indefinida, como “mais cedo ou mais tarde”, no exemplo (11); a expressão de futuro indeterminado ocorre quando não há presença de qualquer expressão temporal, como em (7). A forma do *presente simples* deve ser preferida em casos de futuro determinado, que tende a expressar mais certeza.

(11) *Inf.*- acho que sobretudo ... tratá-los ... como se fosse uma pessoa ... normal ...né? assim ...quando eu digo isso claro assim que ... eh hoje em dia uma pessoa que é infectada pelo vírus da AIDS a gente sabe que:: mais cedo ou mais tarde... vai acabar:: ...num eh eh:: assim ... não tendo êxito muito... ((respira forte)) muito::... se diz assim aceitÁvel {né? Assim (Inquérito DID01, linhas 290-294)

O último fator controlado, único social, foi o tipo de inquérito em que a variante ocorre, D2, DID ou EF. É de se esperar que haja restrições relativas ao grau de formalidade, de forma que a forma *ir + infinitivo* seja preferida em contextos mais formais por ser identificada mais diretamente como atualizadora de futuro, já que é marcada morfologicamente.

Resultados e Discussão

Nos seis inquéritos que analisamos, obtivemos 453 ocorrências entre formas do *presente simples do indicativo* e *ir + infinitivo* expressando tempo futuro. Depois de codificar os dados, procedemos a uma roda estatística no programa VARBRUL e obtivemos a estatística apresentada nas tabelas abaixo, relacionando as variantes a cada um dos fatores. Vejamos, na tabela 1, os dados referentes ao primeiro grupo de fatores:

Tabela 1 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo* - Tipo de situação a que se refere o falante

Fatores	Nº de dados/total	Porcentagem	Peso Relativo ⁶
-hipotética	156/281	56%	.66
+hipotética	79/172	46%	.26
Total	235/453	52%	

⁶ O peso relativo se refere à probabilidade de aplicação da regra variável. É interpretado como favorável à aplicação da regra variável se for superior a .50. É considerado inibidor, se for inferior a .50, e neutro, se for igual a .50.

Como podemos ver, o presente simples do indicativo expressando futuro é preferido em situações +*hipotéticas*. Nessas situações, o percentual de ocorrência de *ir + infinitivo* foi de 46% e a probabilidade de ocorrência é de apenas .26. Isso se deva, talvez, porque, nesse tipo de situação, para o falante, interesse reconhecer de forma geral somente a oposição *passado/não-passado*⁷. A forma do presente, por ser não-marcada, adéqua-se mais a esse papel, só cedendo lugar a *ir+infinitivo* nas situações em que se queira ressaltar um evento futuro não em relação a MF, mas em relação a outro evento, geralmente já expresso no presente. O contrário acontece nas situações -*hipotéticas*: *ir + infinitivo*, forma marcada, assegura a expressão de tempo futuro em relação ao MF na situação atual do falante.

Vejam agora a tabela 2, relativa ao segundo grupo de fatores:

Tabela 2 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo* – Ocorrência em construção verbal maior

Fatores	Nº de dados/total	Percentagem	Peso Relativo
Ocorrente	9/53	17%	.17
Não-ocorrente	226/400	56%	.55
Total	235/453	52%	

A forma do presente ocorre hegemonicamente com outros verbos formando construções verbais maiores. O percentual de ocorrência de *ir+infinitivo* foi de apenas 17 % e a probabilidade de ocorrência é de somente .17, o que pode ser justificado pelo fato de a perífrase *ir+infinitivo* ainda ser precária e não estar totalmente gramaticalizada, sendo percebida ainda como duas formas verbais distintas. Em decorrência disso, ocorre o presente simples para os enunciados não se sobrecarregarem com construções verbais muito extensas.

Na tabela 3, temos os dados referentes ao terceiro grupo de fatores:

Tabela 3 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo* – Tipo de futuro quanto à determinação

Fatores	Nº de dados/total	Percentagem	Peso Relativo
determinado	46/124	37%	.37
indeterminado	189/329	57%	.55
Total	235/453	52%	

Como vimos anteriormente, o futuro expressa sempre um pensamento que parte do possível para a certeza. Podemos dizer que, quando se determina de alguma forma o tempo em que se realizará uma ação futura, há um maior grau de certeza do que quando o tempo não é determinado. A forma do presente parece tender a expressar mais certeza quanto à realização do evento, por isso ser preponderante no futuro determinado. Somente em 37 % dos casos ocorreu *ir + infinitivo* e a probabilidade de ocorrência é de apenas .37.

Vejam a tabela 4, com os dados do último grupo de fatores:

Tabela 4 – *Ir + inf.* em oposição ao *presente do indicativo* - Tipo de inquérito

Fatores	Nº de dados/total	Percentagem	Peso Relativo
D2	132/288	46%	.33
DiD	54/105	51%	.73
EF	49/60	82%	.84
Total	235/453	52%	

⁷ Lyons (1979) argumenta que a *futuridade* deve ser abordada em plano diferente do dos outros valores temporais, pois nunca é estritamente temporal. Os tempos também não podem ser tratados em função da distinção presente/passado, pelo menos na maior parte das línguas ocidentais, uma vez que as formas do que se chama presente, nessas línguas, poucas vezes remetem a um evento realmente simultâneo ao momento da enunciação, como as formas do passado referem-se realmente a eventos de um tempo passado relativamente à enunciação. Seria melhor, então, caracterizar a distinção temporal nessas línguas como sendo entre *passado* e *não-passado*. Talvez essa distinção se reflita, sobretudo, nessas situações que chamamos +*hipotéticas*.

Pressupomos que há diferença de grau de formalidade entre os três tipos de inquéritos do *corpus* analisados. O diálogo entre dois informantes (D2) parece exigir um registro menos formal do que o diálogo entre documentadores e informante (DID), que, por sua vez, parece exigir um registro menos formal do que uma elocução formal (EF). Como podemos ver, os dados da tabela 4 sugerem que há uma restrição na variação das formas de futuro analisadas relacionada com essa escala de formalidade do registro. A percentagem de uso de *ir + infinitivo* foi crescente de D2, 46%, passando por DID, 51%, e chegando a EF, 82%. A probabilidade de uso de *ir + infinitivo* também cresce à proporção que cresce o grau de formalidade: .33 em D2, .73 em DID e .84 em EF. Isso pode ser explicado pelo fato de a forma *ir + infinitivo* ser identificada mais diretamente como a forma marcada atualizadora de futuro, em substituição ao futuro simples.

Conclusão

A partir de pressupostos do Funcionalismo e da Teoria da Variação e Mudança e da abordagem de Corôa (1985) para a categoria de tempo em português, estudamos a variação entre duas formas de expressão do tempo futuro: *ir + infinitivo* e *presente simples do indicativo*, selecionadas por serem, entre várias outras, as de maior ocorrência no *corpus*. Tentamos delimitar alguns grupos de fatores que pudessem interferir no uso dessas formas. Elegemos 4 grupos de fatores: (i) tipo de situação a que se refere o falante (+hipotética/-hipotética); (ii) ocorrência da forma em construção verbal (ocorrente/não-ocorrente); (iii) tipo de futuro quanto à determinação (determinado/indeterminado); (iv) tipo de elocução ou registro do inquérito (D2/DID/EF). Esse último grupo de fator é relativo ao *corpus* utilizado na análise, constituído de 6 inquéritos do *corpus* PORCUFORT.

No *corpus*, obtivemos 453 ocorrências, incluindo formas de *ir + infinitivo* e *presente simples do indicativo* exprimindo futuro, que foram relacionadas aos fatores e analisadas estatisticamente no pacote de programas computacional VARBRUL. Nos resultados obtidos, todos os grupos de fatores se demonstraram estatisticamente relevantes para a análise da variação das formas em foco. Em situações +*hipotéticas*, em que, relativamente ao tempo, parece importar mais a oposição *passado/não-passado*, há uma maior tendência ao uso do *presente simples*, talvez por se adequar melhor a esse papel, já que é uma forma não-marcada. Nas situações -*hipotéticas*, a forma *ir + infinitivo* tem maior ocorrência, pois, como é uma forma marcada, assegura a expressão de tempo futuro em relação ao MF na situação atual do falante.

A forma do presente ocorre com grande hegemonia formando construções verbais maiores com outros verbos. Talvez isso aconteça para os enunciados não se sobrecarregarem com construções verbais muito extensas.

Quando o futuro é determinado por alguma expressão temporal, a forma do presente também é a preferida para expressá-lo. Talvez isso se explique pelo fato de a forma do presente simples tender a expressar mais certeza quanto à realização do evento, o que pode ser considerado característico ao se determinar o futuro.

Parece haver restrição na variação das formas de futuro analisadas relativamente ao grau de formalidade do registro. A forma *ir + infinitivo* tende a ocorrer preponderantemente em registros mais formais. Talvez isso se deva pelo fato de a forma *ir + infinitivo* ser identificada mais diretamente como a forma marcada atualizadora de futuro, em substituição ao futuro simples.

Referências

ALVES, Thiago Gil Lessa. **A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses**. Fortaleza: UFC, 2011. Tese (doutorado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2011.

BERLINK, Roseane de Andrade et al.. Sintaxe. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2.ed. São Paulo: Cortez. v. 1, 2001.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília: Thesaurus, 1985.

COSTA, Sônia Bastos Costa. **O aspecto em português**: reflexão a partir de um fragmento do projeto NURC. Salvador, dissertação de mestrado, 1986.

CROFT, William. **Typology and Universals**. New York: Cambridge, 1990.

DUARTE, Inês Silva. Mecanismos de construção proposicional e de referência: predicação, referência, tempo e aspecto. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.

GIBBON, Adriana de O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. Florianópolis: UFSC, 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística), Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. v.1, 2001.

HEICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

HOPPER, Paul. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, E; HEINE B. (ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. v.1, 1991.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? In: **Language Society**. nº 7. Printed in Great Britain, 1972.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

MOTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Joseane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje**: variação e mudança. 2006. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SOARES, Maria Aparecida Botelho Pereira. **A semântica do aspecto verbal em russo e em português**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal em português**: a categoria e sua expressão. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

